

Comment la musique vient aux enfants

Une anthropologie de l'enseignement musical.

HENNION, Antoine. Paris: Anthropos - Economica, 1988. 239 p. (Collection "Sociologies")

Lia Braga Vieira*

A questão central dessa obra é: de que forma a música aparece como “evidência primeira aos músicos”? O autor pretende analisar a relação entre músico e música, investigando os mediadores da mesma.

Sua hipótese é de que a música é resultado da relação sujeito músico x objeto musical, na qual ela é construída, através dos mediadores que aí se acumulam, como intermediários: os conservatórios, as classes, os diretores, os professores, pais, alunos, instrumentos musicais, repertórios.

Hennion parte dos resultados de duas pesquisas por ele desenvolvidas em conjunto com outros pesquisadores do Centre de Sociologie de l'Innovation (CSI), em conservatórios franceses. A primeira investigação, conduzida através de questionários sobre os conservatórios e seus alunos; a segunda, realizada através de observação etnográfica de uma classe de solfejo.

O presente trabalho, que parte dos “escombros” da relação músico X música, apresenta a sua recomposição numa perspectiva analítico-descritiva, caminhando do menor espaço social e geográfico onde tal relação se dá, ao contexto mais geral. Daí, a obra ter começado pela **descrição etnográfica de uma classe de solfejo** e concluir com a **apresentação social dos alunos dos conservatórios**. Centrando-se sobretudo no solfejo, que Hennion considera o “fundador da música”, aquele que está “por trás” dela, o autor ainda apresenta os **debates em torno dos métodos de ensino do solfejo** e uma **análise dos manuais** dessa disciplina.

Cada um desses temas se constitui numa parte da obra. Cada parte apresenta “Notes” e “Intermezzo”. As notas são constituídas de depoimentos de alunos e professores sobre música, solfejo, métodos de ensino etc.; os intermezzi consistem em

* FOCUS / FE / UNICAMP - Universidade Estadual do Pará

reflexões teóricas que compõem a discussão do problema de cada parte. Ao que parece, a função de uns e outros seria ora de arremate final de uma parte, ora de preparação à parte seguinte.

Há, por fim, uma “**Cadence**”, à guisa de considerações finais.

Algo mais de “Comment la musique...” deve ser aqui antecipado, para por em evidência como aparecem e são encaminhadas questões a respeito do ensino musical.

Buscando compreender como as pessoas fazem para crer na música e estender tal crença umas às outras, o autor se dirigiu a um dos lugares onde é construída a percepção da música, a aula de solfejo. Da classe de solfejo, descreve o “aparato cênico”. Ele vê, no espaço da aula de solfejo, “pequenos mediantes” (os alunos) em relação não com a música - que para ele, etnógrafo, ainda não é perceptível - mas com objetos e pessoas que estão entre os mesmos mediantes e a música. Somente quando objetos e pessoas forem desaparecendo, a música se configurará. Na concretização deste processo, Hennion observa um trabalho de “interessamento”. Quem promove o trabalho é a pedagogia, ao mostrar que a música pode ser ensinada através do professor, da partitura, do piano etc., obstáculos que, promovendo o interesse dos alunos em superá-los, por sua superação permitem a construção do objeto musical. Ou seja, superados, permitem o “face à face com a música”.

Aqui, um princípio é identificado pelo autor na relação entre os “pequenos mediantes” e os mediadores, que provoca a percepção dos obstáculos e indica a intenção da construção da percepção musical: a acusação. Com a pergunta “O que tu ouves?” (“Qu’entends-tu?”), feita pelo professor, o caminho em direção à música começa a ser trilhado.

A pergunta, feita numa classe de solfejo, revela o “esforço para colocar o sujeito na música”. Esse esforço é denegado e o solfejo, lugar desse esforço e da fundação da música, ao contrário dela, é visto de forma negativa. O autor o percebe apontado como o “bode expiatório” do processo de ensino musical. Em torno dele giram todos os conflitos: entre professores, pais, administração, alunos; sobre métodos, repertórios, manuais, conteúdos, avaliação, expectativas etc. Hennion acredita que analisar essas relações conflitantes em torno do solfejo é o que lhe permitirá compreender o processo de construção deste e da música. Ele examina argumentos, por meio dos quais reconstitui os “grupos de atores”, analisa “as diferenças entre as construções realizadas por uns e outros”. Nas relações estabelecidas entre os mediadores, ele vê novamente o princípio de acusação. Os membros dos grupos ou os seus representantes se acusam, atribuem responsabilidades uns aos outros, atacam ou se defendem, “advogam uma causa”. O que o autor faz é ouvir o que os acusados têm a dizer. Tomando como objeto de estudo os atos de acusação, ele observa a forma que esses atos tomam, as técnicas, os efeitos, as resistências. No processo, os papéis são moventes e os acusados são também acusadores, defensores, juízes, testemunhas. Hennion sabe que em sua análise há o perigo de cair na explicação das “diferenças dessa realidade pelo interesse dos atores” ou na visão de que “é a distribuição do poder que explica a vitória”. Assim, sua interpretação, “não redobrando a força da razão ou a razão do

mais forte”, busca “restituir uma realidade composta: onde a verdade e a força não se opõem”, antes, estão em relação de força, uma vez que seus “atores” estão situados num “campo de forças de fatos de polêmicas”. Observando, dessa forma, os atos e as relações, não toma partido, não acusa, não defende, não se detém sobre a “razão eleita” ou sobre o “culpado” designado.

Os conflitos observados são reveladores do que fazem os alunos, do que querem os pais, do trabalho dos professores e da visão dos diretores sobre seus estabelecimentos. Assim, o autor traz à tona os “usos da música”, os interesses e os mecanismos que permitem determinado funcionamento dos conservatórios e como estes, na escolha de seus métodos e da pedagogia conseguem se defender de uma “servidão” à demanda, formá-la e se auto-reproduzir, mantendo a política da conservação musical e o modelo da escola técnica voltada à carreira de músico profissional - em contraposição ao interesse político atual, e não só francês, que busca, através de reformas, a socialização do ensino musical, investindo na formação de amadores; e às expectativas dos pais, que não vão além do investimento em função de um estatuto social.

Uma das demonstrações dessa política de conservação musical, ou seja, da permanência de uma perspectiva tradicionalista no ensino da música, é dada pelo autor no debate em torno dos discursos sobre os manuais, em cuja análise ele consegue evidenciar quão contraditória é essa política de conservação do ensino musical com a realidade musical concreta, à medida em que insiste em transformar “a lógica equívoca do sentido musical em lógica unívoca do signo musical”.

O autor aborda muitos outros aspectos que envolvem o ensino da música e que têm implicações na realidade dos conservatórios franceses e dos seus alunos, profissionais, amadores ou evadidos. Pode-se dizer que os mesmos aspectos tocam amplamente a realidade brasileira. Mas o que torna interessante a leitura da obra de Hennion é como o autor promove a desnaturalização de situações, construindo questões por vezes impensadas: que músico pensaria que em princípio a música é resultado de relações, se ele a toma como o princípio e o fim do seu processo de aprendizagem, de trabalho e, se professor, de ensino? Ainda assim, se essa postura radical dele tomasse conta, provavelmente tomaria um dos caminhos do qual Hennion busca escapar: aquele da explicação através da estética, que no final das contas explicaria a música pela perspectiva musical. Provavelmente, aquele músico-professor se justificaria apontando o risco da distorção da imagem quando se trocam as lentes. O autor resolve bem esta questão, não se voltando à imagem musical, mas à observação das relações que levam à construção dessa imagem. Segundo ele, foi da observação dessas relações que emergiram os princípios da mediação e da acusação, foi graças à percepção delas que ele pode perceber os mediadores. Foi assim que ele escapou do que Bourdieu (A dominação masculina; in: **Educação e Realidade**. v. 20. n. 2. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação, 1995. p. 133) considera o equívoco de tomar como instrumento de pesquisa o que na verdade deve se constituir no seu objeto.

No âmbito da análise de Hennion, os princípios de mediação e acusação funcionaram para uma percepção aguçada da realidade do ensino da música em conservatório, ou seja, o que o implica e os seus efeitos. Mas ao contrário do que Hennion afirma, que os mesmos princípios foram uma exigência do objeto de estudo, às vezes pode-se sentir que ele tenta mostrar, e se for o caso o faz com sucesso, o quanto tais princípios permitem compreender a realidade sem relativizá-la, sem fragilizá-la sob uma percepção artificial, temporária. A impressão se torna mais forte quando, na seqüência da obra - que gira em torno do solfejo em três de suas quatro partes - na última o leitor se vê diante da análise da relação dos alunos dos conservatórios com a música, compreendida através dos mediadores família musical, instrumento, gosto musical e a instituição. Muito rapidamente tratados, parece que se tem apenas a intenção de demonstrar que é possível também ali se perceber mais claramente a realidade através da teoria da mediação.

A última parte parece tomar um aspecto de apêndice. O interessante é que Hennion diz ter surgido a partir dela a necessidade da realização da investigação etnográfica, que toma conta de quase toda a obra. Interessante sobretudo, porque o que seria a parte inicial tornou-se a final e a menos trabalhada, face à riqueza que os dados de "Les Conservatoires e leurs élèves" (Ecole des Mines de Paris. Centre de Sociologie de l'Innovation, 1983) oferecem, uma vez que são a sua base. Da mesma forma, os textos intermediários ("Notes" e "Intermezzo") parecem por vezes deslocados, nem sempre felizes como passagens de uma parte a outra do livro. Às vezes, apresentam questões que não vão ser tratadas em seguida e isso interrompe o raciocínio do leitor.